

**HABITAR UM LUGAR MAIS HUMANO:
UMA CONVERSA SOBRE LITERATURA COM
MARIO BARENGHI¹**

**INHABITING A MORE HUMAN PLACE:
A CONVERSATION ABOUT LITERATURE WITH
MARIO BARENGHI**

Cláudia Tavares Alves²

Por que escrever e ler literatura? E, ainda, por que ensinar literatura? Essa entrevista parte de um interesse por essas, entre outras, reflexões de Mario Barenghi em relação à literatura. Em uma sociedade que prima cada vez mais pelo conhecimento especializado, em ambientes de ensino nos quais a leitura de obras literárias é vista muitas vezes sob um aspecto puramente técnico, o crítico reflete sobre desdobramentos e possibilidades de sobrevivência da literatura diante de tal cenário. Além disso, como alguém atento à literatura contemporânea de sua própria época, Barenghi se dispõe a pensar sobre os percursos pelos quais o fazer literário tem passado e qual é o lugar que a produção literária ocupa no mundo de hoje. Tais reflexões nos levam a pensar de que maneira a literatura, enquanto uso da palavra criativa, desempenha um papel importante na evolução humana. Partindo desses questionamentos, a conversa que se desenvolve a seguir buscou lançar luz sobre novas perspectivas, novos caminhos

¹ Entrevista realizada em janeiro de 2019, por *e-mail*. Tradução do italiano: Cláudia Tavares Alves.

² Doutoranda em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista Fapesp (número do processo: 2016/07884-0): <clautalves@gmail.com>.

para se pensar a importância da literatura e de seu ensino no mundo de hoje, assim como a função de professores e de pesquisadores, enquanto mediadores desse conhecimento.

Mario Barenghi é professor de literatura italiana contemporânea na Universidade Bicocca de Milão. Organizou parte da obra completa de Italo Calvino, publicada a partir de 1994 pela coleção “I Meridiani”, da editora Oscar Mondadori, e escreveu ainda dois volumes monográficos sobre o escritor italiano: *Italo Calvino, le linee e i margini* (Mulino, 2007) e *Calvino: profili di storia letteraria* (Mulino, 2009). Mais recentemente, publicou *Perché crediamo a Primo Levi?* (Einaudi, 2013), tema ao qual tem dedicado atualmente parte de seu trabalho. No Brasil, alguns resultados dessas pesquisas podem ser vistos em dois de seus artigos traduzidos: “A forma dos desejos: a ideia de literatura de Calvino” (revista *Remate de Males*, v. 25, n. 1, 2005; tradução de Maria Betânia Amoroso) e “A memória da ofensa: recordar, narrar, compreender” (revista *Novos Estudos*, v. 78, novembro de 2005; tradução de Maurício Santana Dias). É ainda colaborador e membro da comissão editorial da revista *on-line Doppiozero*, onde publica periodicamente resenhas sobre literatura e artigos sobre estudos literários. Dentre suas últimas publicações, está o livro *Che cosa possiamo fare con il fuoco? Letteratura e altri ambienti* (Quodlibet, 2013), obra que reúne vários ensaios em que o crítico reflete sobre as funções e o ensino da literatura.

1. Para começar, poderíamos partir da ideia de que, durante toda a história da humanidade, provavelmente nunca se escreveu e se publicou tanto como hoje. Temos visto como as relações humanas parecem se caracterizar, cada vez mais, por uma forte presença da escrita e da leitura, por exemplo, com as interações pela internet e pelas redes sociais, que se dão em grande medida por palavras e símbolos. Paralelamente a esses hábitos, como pensar a presença da literatura hoje em nossa sociedade?

O dado do qual se deve partir, acredito, é a drástica redução, quase até a sua extinção, do analfabetismo. Nas sociedades contemporâneas, esse fato abriu grandes perspectivas à literatura. Por outro lado, a expansão do número de leitores, pelo menos na Itália, não foi proporcional ao aumento de pessoas alfabetizadas. No que diz respeito às redes sociais, não há dúvidas de que demos um grande impulso para o uso da palavra escrita. Dois aspectos me parecem interessantes sobre isso: de um lado,

um número cada vez maior de pessoas trabalha para produzir textos para *sites* na internet; de outro, todos os usuários escrevem e leem o tempo todo. Porém, na maior parte dos casos, trata-se de comunicações superficiais e apressadas, e acredito que isso, ao longo do tempo, possa prejudicar as capacidades de concentração e aprofundamento. Não por acaso, já há algum tempo, disparam-se alarmes sobre o tal analfabetismo funcional, isto é, pessoas que, em teoria, sabem ler, mas que não são de fato capazes de exercitar essa habilidade com eficiência. São muitas as questões que se abrem e sobre as quais eu não saberia me expressar, por exemplo: É a mesma coisa ler – e principalmente aprender a ler – no papel ou em uma tela? Os processos perceptivos são equivalentes? Para quem pertence à minha geração, essa resposta é óbvia, mas é claro que os hábitos adquiridos com o passar do tempo desempenham um papel decisivo.

2. Quando Calvino discute as motivações para ler e reler as obras literárias clássicas,³ ele conclui que “a única razão que se pode alegar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos”. Essa mesma razão seria suficientemente forte para justificar a leitura dos contemporâneos?

Bela pergunta. Sim, eu diria que sim. Acho que existe uma espécie de ecologia da leitura. É preciso encontrar um equilíbrio entre a leitura dos clássicos e a dos contemporâneos, dos nacionais e dos estrangeiros, além de balancear leituras e releituras. Uma resposta provisória poderia ser esta... O verdadeiro leitor é quem relê e, por isso, é quem de certa forma procura os próprios clássicos. Procura inclusive entre os contemporâneos, por que não? Limitar-se a autores já consagrados e celebrados, já pertencentes a um cânone, significa impor limites à autonomia da própria opinião.

3. Você defende que ler literatura constitui uma oportunidade para que o leitor conheça a si mesmo e também aos outros. Atualmente, as representações literárias desse *outro* são feitas de maneira diversificada e plural, paralelamente ao interesse cada vez mais amplo pelo reconhecimento das minorias sociais excluídas até então. Penso, por exemplo, nos romances de Francesca Melandri e

³ Referência a *Por que ler os clássicos* (Companhia das Letras, 2007; tradução de Nilson Moulin).

Igiaba Scego,⁴ escritoras italianas contemporâneas que tratam em seus livros de temas como a imigração e a diáspora. Você acredita que hoje podemos pensar na literatura italiana contemporânea como um espaço de desenvolvimento de histórias diferentes, histórias até então esquecidas?

Exercitar-se para ver as coisas de um ponto de vista diferente do nosso é, sem dúvida, um dos aspectos mais preciosos e relevantes da literatura. Poderíamos nos referir ao que os psicólogos chamam de “teoria da mente”, sobre a qual se fala muito hoje em dia. Um filósofo russo do início do século, Pavel Florenskij, defendeu que o pecado radical, isto é, a raiz de todo pecado consiste em não saber sair de si mesmo. Acho que essa é uma ideia fundamental, que pode nos dizer coisas mesmo em termos não religiosos. Além disso, existem muitas formas de alteridade. Existe a alteridade psicológica, que diz respeito a todas as relações interpessoais; existe a alteridade cultural, que se articula em ambientes diversos, desde relações entre grupos e classes diferentes que compõem uma mesma sociedade até contatos entre populações e comunidades geograficamente distantes, as quais, no mundo atual e globalizado, têm mais ocasiões para se encontrarem e conviverem. Acredito que a literatura pode desempenhar uma função positiva em qualquer um desses níveis. Tenho em mente um velho ditado latino, *Timeo hominem unius libri*, que interpreto como: “Desconfio de quem leu só um livro”. Sou a favor da releitura, como já ficou claro; acho que de certa forma se lê para que se possa reler. Mas pensando no plano social, é claro que a leitura produz benefícios quando ela é aberta, curiosa, múltipla.

4. Em seu ensaio “Che cosa possiamo fare con il fuoco” (2013), há uma hipótese sobre a origem da literatura. Um dos pilares dessa hipótese surge do exercício de se pensar por qual razão o ser humano teve curiosidade de imaginar o que não existia e por que, a partir daí, sentiu necessidade de criar, pela primeira vez, uma representação literária de si mesmo e de sua realidade. Para que serviu, durante a evolução humana, a escrita literária e como a literatura e a

4 De Francesca Melandri, *Sangue giusto* (Rizzoli, 2017). De Igiaba Scego, *Adua* (Giunti, 2015). O romance *Adua* foi traduzido e publicado no Brasil (Editora Nós, 2018 tradução de Francesca Cricelli).

imaginação ajudaram a “interrogar-se sobre o possível”? E hoje, para que serve a literatura?

As minhas reflexões sobre literatura e evolução se apoiam em uma hipótese: o que hoje chamamos de literatura – mas que poderia se chamar, *lato sensu*, de poesia, isto é, de uso criativo da linguagem – estabelece suas próprias raízes no desejo, ou antes, na necessidade de representar algo que não está presente aqui e agora: algo que pode já ter acontecido no passado ou que poderia acontecer no futuro. Esse desejo se justifica, por sua vez, no fato de que os humanos se confrontavam com situações muito diversas e, tendencialmente, sempre mais complexas. E isso se explica principalmente pelos humanos se encontrarem, durante sua história evolutiva, em ambientes naturais em processo de mutação, fosse por causa das mudanças climáticas, fosse porque eram nômades. A principal arma com a qual os humanos encararam essa mudança foi a formação de grupos cada vez maiores.

Ora, quando precisamos enfrentar uma situação nova, especialmente uma situação difícil, nós *in primis* aplicamos um modelo de comportamento que já conhecemos – ou melhor, um dos modelos que já conhecemos. Quanto mais as situações em que podemos nos encontrar são numerosas e diferentes entre si, mais vantajoso é ter à disposição muitos modelos diferentes de comportamento. Isso vale sobretudo para as relações com os nossos similares, da mesma espécie, que são uma fonte inesgotável de casos particulares. Eis então a utilidade da literatura. Na minha opinião, o uso criativo da linguagem recebeu um impulso formidável dado pela necessidade de se orientar e de se sair bem nesses contextos sociais que se tornavam cada vez mais complexos, porque a coesão necessária para sobreviver era também cada vez maior. O homem, como alguém já disse, é uma espécie ultrassocial. Mas essa ultrassociabilidade traz consigo uma série de problemas. À medida que aumenta o grau de interação com os outros humanos, quanto mais as relações se atravessam e se complicam, mais numerosas são as *nuances* e as possibilidades, assim como a possibilidade de incidentes, mal-entendidos, incompreensão, enganos. Desse ponto de vista, considero muito instrutiva a leitura de *Grooming Gossip, and the Origin of Language*, de Robin Dunbar. Mas, olhando bem, quem escreveu *Othello* e *King Lear*, ou *I promessi sposi*, ou *Le père Goriot*, ou *Guerra e paz* já tinha compreendido perfeitamente as coisas essenciais.

Acho, enfim, que a finalidade última da literatura – da poesia – seja melhorar a nossa competência social. Isso valia para os nossos antepassados, que ainda viviam da caça e da colheita, e continua valendo hoje para nós. As histórias nos agradam porque enriquecem a nossa estrutura mental, mobilham nosso mundo, servem para vencer a desorientação e o medo, mesmo quando eles são inquietantes ou assustadores. Pela literatura, nós fazemos do ambiente onde vivemos um lugar mais humano.

5. Em estudos recentes, você propõe que o êxito comunicativo de um texto literário se encontra entre as expectativas do autor e o envolvimento do leitor, formando-se assim uma rede de pesca metafórica, a ser jogada na água das interpretações possíveis. Pensando na relação entre escritores e destinatários, o que seria essa rede que o autor costura e amarra? E como o leitor e suas próprias experiências seriam capazes de, por sua vez, produzirem significados diversos através dessa rede?

Usei a imagem da rede de pesca para destacar uma circunstância que às vezes é subestimada, isto é, o fato de que a fruição de um texto literário sempre acontece em uma situação pré-determinada – determinada no plano histórico, geográfico, social, psicológico e, até mesmo, físico. Ler é um comportamento, não uma operação cognitiva abstrata. Não por acaso, em seu livro dedicado à figura do leitor, *Se una notte d'inverno un viaggiatore*, Calvino fala tanto do livro como objeto material, quanto dos lugares e das posições em que se pode ler: em casa, no metrô, na biblioteca ou, quem sabe, até num galinheiro – como acontece com o personagem Doutor Cavedagna, funcionário editorial, durante a época de ouro de suas leituras, quando ler era o maior prazer do mundo para ele.

Gosto da imagem da rede porque ela corresponde a várias características do texto literário. A sua organização interna (os nós); a sua utilidade, a sua capacidade de capturar aspectos do real; a sua leveza e portabilidade; a mistura entre cheios e vazios. Durante a leitura, o leitor dá corpo e substância às coisas que lê: mergulha a rede na água – nas águas nas quais ele está navegando – e pesca aquilo que existe ali. Ou melhor: aquilo que ele consegue tirar para fora dali. Uma outra imagem muito sugestiva é aquela do texto literário como uma partitura musical: o que significa, em essência, que a literatura não impõe objetos, mas sim instruções para a produção de objetos (ou seja, de significados), o que cada leitor irá realizar a seu próprio

modo. Isso não significa, obviamente, que um texto pode significar qualquer coisa. A ideia está bem ilustrada em um epigrama presente na biografia de Santo Agostinho escrita por Possidio: “Vivere post obitum vatem vis nosse, viator?/ Quod legis ecce loquor; vox tua nempe mea est” (*Vita Sancti Augustini* 31, 8): “Queres saber, viajante, se o poeta vive após a morte?/ Lês, então falo: a tua voz é a minha”. E cada um tem a sua própria voz.

6. Para pensar a literatura italiana das últimas décadas, trago o escritor Pier Paolo Pasolini que, junto a outros intelectuais italianos, reconheceu na Itália dos anos de 1970 o fim de uma cultura humanística e, como consequência, o fim de um tipo de literatura de empenho, militante. Para eles, esse fim seria o resultado de diversas mudanças culturais e sociais em curso nas sociedades ocidentais capitalistas. Atualmente, depois de algumas gerações de escritores, poderíamos dizer que o humanismo ainda existe ou está definitivamente morto?

Toda a modernidade – quer dizer, o período iniciado no século XVIII – é caracterizada pela modificação da relação entre o saber humanístico e os outros campos de saber. Diante dos extraordinários progressos da ciência e da tecnologia, os escritores reagiram de maneiras diferentes. Casos extremos, exemplarmente opostos, são Zola e Mallarmé: um pratica um tipo de literatura que parece imitar atitudes (mais do que procedimentos) das ciências naturais, enquanto o outro se distancia disso o máximo possível. De fato, no século XVIII, as pessoas de cultura sempre recebiam uma formação literária importante, fundada na cultura clássica. A partir de metade do século XIX, existiram grandes escritores que não receberam mais essa formação prevalentemente clássica (o melhor exemplo italiano disso é o escritor Giovanni Verga). Hoje, existem escritores que não possuem nem mesmo uma formação prevalentemente literária.

Porém, vale lembrar, a peculiaridade da literatura é de se expressar por meio da linguagem, que é um instrumento universalmente compartilhado entre uma comunidade de falantes. Os modelos podem mudar, não me parece ser o caso de nos desesperarmos. É claro que entre as tarefas dos estudiosos, e principalmente dos professores, está a procura por manter viva a tradição, mostrando o quanto os textos escritos em outras épocas podem falar aos homens de hoje. Porém, a operação só pode dar certo se eles acreditarem de verdade nisso.

Dito isso, gostaria de defender que não apenas o humanismo não está morto, mas que hoje ele é mais necessário do que nunca. Vivemos atualmente em uma época na qual a especialização técnica parece fortíssima. Mas, da mesma maneira como os instrumentos tecnológicos e as formas organizativas se renovam continuamente, devemos invocar competências transversais, frequentemente denominadas pela expressão inglesa *soft skills*, para estarmos à altura das necessidades: capacidade de adaptação, equilíbrio, flexibilidade, intuição, capacidade de se comunicar e de cooperar. Tudo isso corresponde exatamente ao que considero ser a razão de existir da literatura.

Por esse ponto de vista, a atual organização da universidade italiana me parece muito carente. Fala-se sempre de *soft skills*, mas não se dá espaço para os ensinamentos literários, que deveriam estar presentes, obrigatórios ou opcionais, em muitos terrenos, a começar pelo campo das ciências sociais – mas não só. Naturalmente, aqueles que se ocupam da literatura também são responsáveis por isso. Os estudos literários certamente têm, por sua vez, aspectos técnicos (ai de nós, se não fosse assim!), mas não precisam se esquecer de que a força da literatura está em se referir a todos. Por exemplo: nos dias de hoje, quem assiste a uma disciplina sobre *Macbeth* são só os alunos de literatura inglesa ou de literatura comparada. Seria bom que pudessem estar presentes também os estudantes de economia, de direito, de ciências políticas, de cursos de graduação que deveriam formar as futuras classes dirigentes. Mês passado um colega químico me convidou para dar uma aula sobre Primo Levi em sua disciplina de Biotecnologia, e para mim foi uma ótima experiência, que espero repetir.

7. Pegando um gancho ainda em Pasolini, ele publicou, em 1975, uma série de escritos “pedagógicos” no jornal italiano *Il Mondo*, os quais foram depois recolhidos no livro *Lettere luterane* (1976). O escritor cria um personagem idealizado, chamado Gennariello, que passa a receber várias lições sobre a sociedade e a cultura italianas. Essa série de escritos pasolinianos me veio à mente justamente quando li seu ensaio “La scuola nell’immaginario letterario” (2013), que se refere aos estudos de Forster sobre *homo sapiens* e *homo fictus*. A relação que se estabelece, na minha opinião, é que a criação de Pasolini poderia ser um caso literário em que o *homo fictus* Gennariello se mistura às atividades

intelectuais do *homo sapiens* Pasolini, para quem as intervenções públicas se tornaram uma atividade vital, assim como respirar e comer. Para você, que tipo de função educativa um escritor pode atribuir à sua produção literária quando ele deixa explícita em sua própria literatura sua preocupação pedagógica?

A literatura contemporânea nos deixou acostumados a uma grande quantidade de curtos-circuitos entre *homo sapiens* e *homo fictus*. Um exemplo eloquente, para nos restringirmos à atualidade mais contemporânea, é o último livro de Tommaso Pincio, *Il dono di saper vivere*, que em certa medida é uma longa nota aos seus romances precedentes (como *Cinacittà*). Nele, o narrador começa a contar uma história de invenção; depois decide rasgar o véu da ficção e começa a falar diretamente sobre si mesmo, em termos autobiográficos. Em certo sentido, me parece o esgotamento da categoria de autoficção, a qual já teve muito sucesso, mas que com o passar do tempo acabou superinflacionada. No que diz respeito à dimensão pedagógica da literatura, eu diria que um escritor pode sim tentar desenvolver uma obra educativa por meio da literatura, mas correrá o risco de falir em ambos os níveis. Geralmente a literatura desempenha, na minha opinião, uma função educativa apenas quando não lhe é imposta essa tarefa – pelo menos não enquanto objetivo prioritário. O ponto crucial é que não é o autor que educa os leitores, são os leitores que *se educam* através da literatura. Se forem capazes, se tiverem vontade. E se essa for a sua intenção.

8. No Brasil, temos assistido a diversas tentativas de transformar as escolas em um lugar apolítico, “imparcial”, apartidário, onde algumas discussões consideradas muito polêmicas, como questões de gênero e sexualidade, não poderiam mais acontecer. Além disso, vivemos continuamente sob a ameaça de que aulas como as de literatura e de filosofia possam ser censuradas ou mesma retiradas do currículo obrigatório. Levando em consideração suas experiências mais recentes como professor e pesquisador, você diria que existe ainda hoje esse medo tão forte em relação ao estudo das ciências humanas por quê? Diante de tal contexto, quais seriam as possíveis ações por parte de professores, tanto da educação básica como do ensino superior?

Eu diria que não só em relação às ciências humanas. É espantoso que em um país como os Estados Unidos, que por tanto tempo foi e ainda é não só uma referência, mas também um modelo para todo o Ocidente, a teoria da evolução seja amplamente hostilizada e em alguns casos banida da educação escolar. O problema da imparcialidade da escola sobre temas polêmicos ou sensíveis (como se diz hoje em dia) é bastante complexo. Simplesmente evitar confrontá-los não me parece uma boa solução. Seria preciso conseguir falar sobre tudo em uma sala de aula. Claro que de modo apropriado, e nem sempre se consegue fazer isso. Vou contar um pequeno episódio que aconteceu comigo... Recentemente, dei um curso cujo tema era o não dito, ou melhor, a relação entre o dito e o não dito, e calhou de eu encontrar um *post*, na página do ministro do interior italiano, Matteo Salvini, que seria um excelente exemplo para comentar em aula. Salvini, que considera os estrangeiros apenas como delinquentes em potencial, falava de um imigrante culpado por um delito. Primeiramente, o insultava; depois, omitindo uma passagem com informações importantes, dava a entender algo totalmente falso. Hesitei em levar para a aula e, no final das contas, decidi deixar para lá. Pensando de novo sobre isso, não sei se fiz bem. Talvez eu tenha perdido uma boa oportunidade.

9. Ainda sobre esse tema, em seu ensaio “A cosa serve la letteratura?” (2017), ao se referir ao problema do ensino de literatura na universidade e nas escolas, você sugere que mais importante do que definir o que é literatura é, na verdade, interrogar-se sobre qual é a função, o escopo da literatura. Quais seriam então as possíveis funções do ensino de literatura em nossa sociedade?

Acho que já respondi, pelo menos em parte, a essa pergunta. Tento então abordar a questão por outro ponto de vista. A literatura é um repertório de textos, isto é, de objetos verbais. Uma de suas funções essenciais consiste em exemplificar as potencialidades da linguagem ou, se preferir, o poder da palavra. Nós usamos as palavras o tempo todo, mas frequentemente fazemos isso de maneira superficial, banal, distraída. Uma obra literária mostra, pelo contrário, quantas coisas, e quantas coisas importantes, podem ser feitas com as palavras. E o quanto as palavras podem ser densas, precisas, incisivas, memoráveis; como elas podem ferir e confortar, acalmar e comover, estimular o pensamento e a imaginação, incitar o juízo, desenvolver hábitos e lugares comuns, abrir novas perspectivas e novos mundos quase que como mágica. E, naturalmente, a literatura

mostra também – faz isso principalmente, eu diria – os usos perversos da palavra. A linguagem é um formidável instrumento de mitificação, de prevaricação. As palavras não são apenas armas, mas também armadilhas. E ao ler se aprende isso tudo.

Mas não só. Uma obra literária pode mostrar também como a nossa comunicação está repleta de silêncios, pressupostos, subentendidos, os quais, a depender da situação, podem favorecer a comunicação ou prejudicá-la, podem unir as pessoas ou dividi-las. Em conclusão, a literatura nos permite melhorar a nossa familiaridade com o universo verbal e, como consequência – visto que somos animais sociais –, com o mundo *tout court*. Qualquer um, nesse ponto, poderia dizer que efeitos análogos poderiam ser alcançados por meio de outras formas de discurso. Pois bem, na minha opinião, as respostas poderiam ser duas. Em primeiro lugar, admito que uma objeção desse tipo tem fundamento. Não existe só a literatura. Especialmente durante os anos de formação, mas também depois, é importante frequentar ambientes diversos, ler também livros que não sejam de literatura. Mas, em segundo lugar, trago uma contra-argumentação. Se quisermos avaliar as qualidades e os méritos de tudo aquilo que não é estritamente literatura (penso, por exemplo, nas disciplinas de história e ciências sociais), sobra ainda um fato: a literatura envolve emotivamente o leitor, requer identificação por parte do leitor. Isso porque ela nos apresenta casos singulares, situações particulares, reproduzindo o que é a nossa relação pessoal e direta com a realidade. O mundo nos encontra através de uma série de figuras humanas, lugares, momentos, condições invariavelmente singulares; e a nossa mente – ao que parece – é muito mais permeável à singularidade do que à generalidade.

Por isso, acredito que os temores sobre a possível ou iminente morte da literatura são sempre infundados. A literatura, a poesia ou (se quisermos ser mais prudentes) os usos poéticos da linguagem pertencem, para nós humanos, ao rol das necessidades mais básicas. Enquanto escrevo essa entrevista, aproxima-se o Dia da Memória [27 de janeiro], isto é, o aniversário da libertação de Auschwitz. Um dos textos mais memoráveis de Primo Levi é o poema *Alzarsi*, que abre seu livro *La tregua* e que evoca em seu início os sonhos recorrentes dos prisioneiros do campo de concentração: “Sognavamo nelle notti feroci/ Sogni densi e violenti,/ Sognati con anima e corpo:/ Tornare; mangiare; raccontare” [Sonhávamos nas noites ferozes/ Sonhos densos e violentos,/ Sonhados com alma e corpo:/ Voltar; comer; contar]. Esse trio de verbos me parece muito

significativo. Voltar, ou seja, reencontrar a liberdade e a própria casa; comer, ou seja, satisfazer as condições mínimas de sobrevivência; contar, ou seja, tornarem-se novamente homens por meio da partilha da experiência. Um dado que também me parece revelador é o comportamento dos encarcerados. Não tenho experiência direta com assistência a prisões, mas sei que muitos, durante o período de detenção, escrevem. Narrativas, recordações, poemas. Por quê? Evidentemente, certos usos da palavra respondem a exigências profundas. É como se nós, para vivermos, tivéssemos a necessidade – para além da água e da comida, do descanso e do refúgio – de palavras especiais, não apenas de palavras comuns.

A literatura pode desenvolver muitas funções. Pode divertir e ensinar, pode proteger e despertar coragem ou esperança, pode favorecer a distração e a concentração. Gosto de comparar a literatura a uma caixa de ferramentas na qual se podem encontrar utensílios de todos os tipos. Mas onde também se encontram brinquedos. E, às vezes, medicamentos. Amuletos, talismãs.

Recebido: 5/02/2019

Aceito: 26/04/2019

Publicado: 13/12/2019